

O Processo de Criação do Curta-metragem “ECO”¹

Helena Maria Braz dos SANTOS²
Thais Oliveira³
Universidade Estadual de Goiás, GO

RESUMO

O trabalho a seguir detalha a feitura do curta-metragem de ficção “ECO” (Dir. Elisa Lobo Jayme, 2023), analisando os processos de criação desde o roteiro até a montagem. A partir de contribuições de Carreiro (2023), Chion (1993) e Marie; Julier (2012) pretendemos interpretar planos, sequências e sons, do filme realizado.

PALAVRAS-CHAVE: cinema; ficção; roteiro; montagem; eco.

CORPO DO TEXTO

O curta-metragem de ficção *ECO* (Dir. Elisa Lobo Jayme, 2023) conta a história de Marisa (Andreza Moura), uma jovem que precisa retornar à casa da mãe Marta (Carolina Wintter) após sua morte repentina. O curta segue, então, acompanhando Marisa enquanto ela faz atividades como lavar a louça e empacotar fotos e porta-retratos enquanto conversa com Marta, cuja voz a responde. A personagem Marta, então, não aparece fisicamente até a última cena do curta, onde temos uma cena subjetiva, dentro do imaginário de Marisa. No entanto, sua presença ainda consegue ser sentida, uma vez que sua presença é dada por meio da voz off, se aproveitando da natureza “verbocêntrica” e “vococêntrica” do cinema (Chion, 1993)

A decisão narrativa de colocar Marta de uma forma onírica dentro da narrativa, parte de uma vontade de expressar a mensagem de um luto ainda não processado. A personagem Marisa, ainda incapaz de lidar com a morte de sua mãe, reage às atividades de forma irritadiça e questionadora, perguntando à mãe como ela pôde a colocar naquela posição. O uso da voz em off como artifício de roteiro é uma saída simples para a inserção dessa personagem dentro da narrativa. Somente após a metade do curta, depois que Marisa já empacotou grande parte das coisas, é que a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual: análise fílmica e estilo cinematográfico, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

² Estudante de Graduação do 5º semestre do Curso de Cinema e Audiovisual da UEG, e-mail hmbrazdossantos@gmail.com

³ Professora do Curso de Cinema e Audiovisual da UEG, e-mail: thais.oliveira@ueg.br

personagem começa a sentir o peso do luto e em após um monólogo cai em lágrimas pela primeira vez.

O uso da música “Você Não Me Ensinou a Te Esquecer” , de Fernando Mendes, ajuda a enriquecer as palavras de Marisa, uma vez que a música dá voz a sentimentos que se a personagem não explicaria de forma tão eloquente sem a música. A performance de Andreza Moura, juntamente com a letra da música e o contexto em que ela é introduzida na narrativa ajuda a construir sentido ao personagem e se torna também um aporte na comunicação da mensagem a ser transmitida. (Alvarenga e Costa, 2022)

Por fim, uma das últimas ações de Marisa é limpar a geladeira, tirando da mesma um bolo de chocolate. Durante esse processo, Marisa acaba derrubando o prato com bolo, perdendo assim, um dos últimos pedaços materiais que a ligava à mãe. Por parte do roteiro, essa cena é o ápice do clímax, ela retira de Marisa o último legado material de sua mãe e também rouba da personagem a decisão sobre o que fazer em relação ao bolo: comer ou não comer. Uma vez que ele cai no chão e se mistura com os cacos de vidro, esse poder de escolha já não está mais com Marisa. É somente após essa perda de autonomia que temos a reação mais visceral da personagem, vemos quem ela é quando seu poder de escolha lhe é roubado.

Processo de Criação

Para a análise de um filme, existem componentes técnicos e estéticos que emergem nas narrativas de som e imagem em movimento como planos e sequências (JULIER, MARIE, 2012). Serão apresentados frames fotográficos do filme e comentários sobre a escolha dos planos.

Além disso, este trabalho se dedica a analisar os processos de produção deste curta-metragem a partir de considerações de Rodrigo Carreiro:

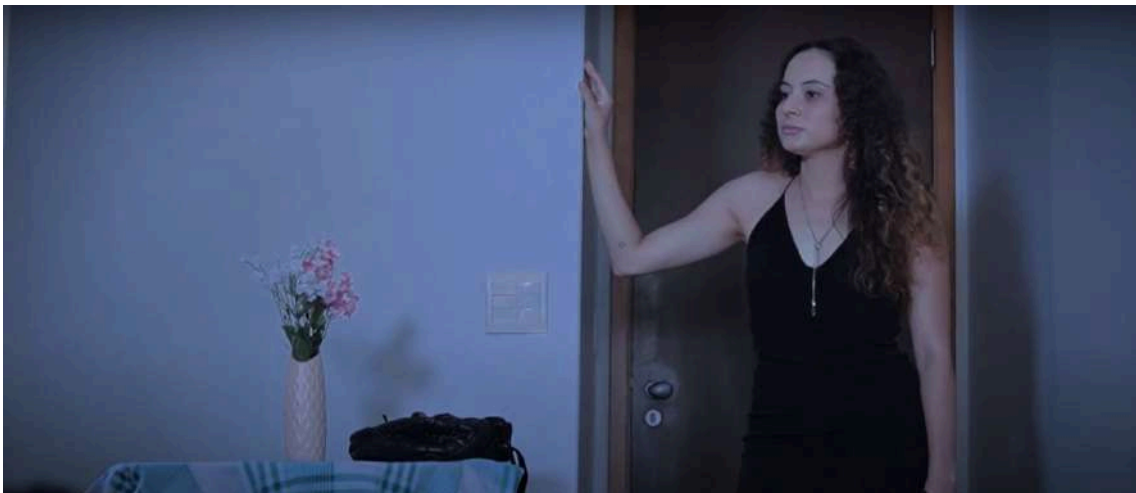
Todo filme, pequeno ou grande, compartilha uma cadeia produtiva que possui padrões idênticos. Qualquer que seja o tamanho do filme, o processo de feitura pode ser dividido em três fases: planejamento, execução e finalização. No jargão do cinema, chamamos essas fases de pré-produção, produção e pós-produção (CARREIRO, 2021, p.16)

O processo de pré-produção do curta-metragem foi acompanhado de encontros com a professora, que durante o período de feitura do curta estava

ministrando a disciplina de Fotografia Cinematográfica, cujo o filme foi apresentado como trabalho final da disciplina. A escolha das atrizes foi feita de forma virtual, por esse motivo, uma vez escaladas houve uma reunião de leitura de roteiro e preparação de elenco com as atrizes e a equipe principal com diretora, roteirista, diretor de fotografia e direção de arte. Durante essa reunião, as atrizes foram capazes de se conhecer, ler o roteiro e discutir sobre, além de construir a vida e história das personagens a partir do texto e também realizar alguns exercícios de química através do improviso.

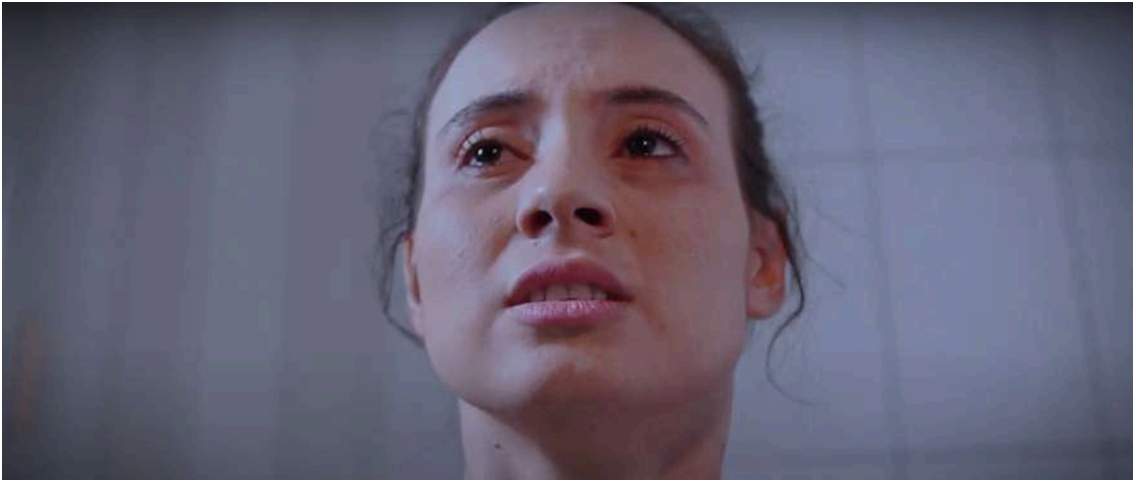
A proposta de direção concebida por Elisa Lobo Jayme procura transparecer por meio dos planos e da encenação de Andreza traduzir essa solidão e o luto que a personagem está sentindo. O uso de planos mais abertos visa aprofundar a solidão que a personagem está sentindo, a diminuindo o máximo possível dentro do espaço. Já os planos mais fechados são usados em momentos em que a encenação e performance de Andreza são os pontos mais importantes para transparecer esses sentimentos conflitantes que estão sendo sentidos pela protagonista, como por exemplo na cena em do monólogo acompanhado pela música de Fernando Mendes.

Fig. 1 - Planos abertos e fechados em ECO



Fonte: Acervo pessoal

Fig. 2 - Planos abertos e fechados em ECO



Fonte: Acervo pessoal

A direção de arte trabalhou com uma proposta naturalista para representar o ambiente mostrado no curta. Foram colocadas roupas e louças sujas espalhadas pelo cenário, no intuito de levantar a curiosidade do público sobre o que aconteceu com Marta durante suas últimas horas de vida, além de trazer personalidade e textura ao ambiente. As fotos que aparecem na cena em que Marisa recolhe as fotos foram retiradas do acervo pessoal de ambas as atrizes, recurso que ajuda a trazer verossimilhança e realismo à obra.

O vestido preto, usado por Marisa durante o decorrer do filme foi escolhido para transmitir a imagem do luto que a personagem está sentindo e foi adicionado também à atriz olheiras e vermelhidão embaixo dos olhos com maquiagem, para imprimir na mesma uma aparência cansada, de alguém que está passando por um momento de grande estresse emocional. O vidro usado na última cena é cenográfico, sendo utilizados cristais de açúcar, confeccionados especialmente para o filme.

A direção de fotografia trabalha com altos e baixos contrastes, fazendo o uso de sombras marcadas, para representar a dualidade de sentimentos expressos pela personagem durante o decorrer da narrativa. Sobre a fotografia, ficou decidido o uso do contraste entre preto e branco para a dicotomia vida/morte.

A fotografia em cinema diz respeito, essencialmente, à luz. O enquadramento e a organização dos elementos dentro da cena (ou seja, a chamada *mise-en-scène*) também devem ser levados em consideração pelo diretor de fotografia, mas frequentemente este apenas obedece às indicações do diretor, criando as condições técnicas de iluminação e movimentação de câmera necessárias para operacionalizar o que lhe foi pedido (CARREIRO, 2021, p.116)

Há também o momento de cores de uma forma mais lúdica, para exemplificar os sentimentos da personagem. O uso da cor azul aparece em dois momentos representando tristeza. A primeira vez na cena inicial, onde Marisa abre a porta e atrás dela é possível ver uma sombra azulada, representando de onde ela vem, o velório de sua mãe. A cor azul retorna, então, na última cena onde Marisa está comendo o bolo que sua mãe deixou, o azul representando não somente a tristeza sentida pela personagem naquele momento, mas também adicionando contraste à cena de sonho que acontece imediatamente antes que possui coloração alaranjada.

Fig. 3 - O azul representando a tristeza em ECO



Fonte: Acervo pessoal

Fig. 4 - O azul representando a tristeza em ECO



Fonte: Acervo pessoal

O laranja aparece em dois planos no fim do curta, uma vez gradativamente no close do rosto de Andreza imediatamente após o prato com bolo cair. A chegada da cor laranja no plano anuncia consigo a chegada de um plano onírico, presente somente na imaginação da personagem. O plano seguinte, temos Marisa e Marta sentadas no chão da cozinha, o único momento em que vemos de fato a personagem Marta, ao invés de somente ouvi-la. A fotografia desse momento é alaranjada, com tons de rosa, trazendo um calor e uma sensação de conforto, apenas para ser contrastada com o plano seguinte, mostrando a verdadeira realidade do que está acontecendo na cozinha.

Durante o processo de montagem, alguns elementos foram adicionados na fase de pós-produção para enriquecer a narrativa. Um efeito de eco foi adicionado à voz de Carolina Wintter, adicionando mais uma camada ao título da obra, e dando uma característica onírica à voz de Marta, reforçando o que havia sido concebido durante o processo de roteirização. Grande parte dos ruídos adicionados no filme são os próprios ruídos captados pelo som direto do curta, com exceção de alguns, como o ruído de ranger de porta na cena do banheiro, quando Marisa vai lavar o rosto. Houve um processo de correção de cor e colorização para escurecer o filme, uma vez que por ter sido filmado durante o dia e em uma locação com bastante paredes brancas, o resultado final sem colorização ficou bem mais claro que o esperado. A colorização, assim, ajuda a transpassar a atmosfera soturna e fúnebre que o curta deseja.

A partir do momento em que o prato de bolo cai no chão, há uma composição sonora, que ultrapassa somente apenas o som ambiente que preencheu o curta até o momento. Temos então, uma tela preta assim que o prato cai no chão, para que o telespectador fique na ação que acabou de acontecer e sinta juntamente com a personagem essa sensação de que por um segundo o tempo parou. Em seguida, temos a presença de um ruído agudo simulando um zumbido de ouvido, além como o som de batidas cardíacas, utilizando o que Chion chamou de “som interno”, sons que correspondem ao interior físico e mental do personagem, podendo ou não ser fisiológicos. (Chion, 1993).

Ao concluir essa análise, pode-se falar sobre a interação sutil entre planos, imagem e som. A realização possibilitou ampliar nosso olhar sobre a realização audiovisual para além da narrativa visível na tela, a partir do uso da linguagem cinematográfica.

Para encerrar, uma vez pronto o processo de colorização e montagem, houve a confecção de legendas em português e em inglês para facilitar assim o processo de distribuição do curta. Uma vez pronto, foi inscrito em alguns festivais, tanto nacionais quanto internacionais, sendo selecionado na primeira edição do festival Pode Ponto, que acontece em maio de 2024 em Goiânia.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, B.; COSTA, F. **Quando a música fala pela personagem: o uso de canções românticas diegéticas em três filmes brasileiros contemporâneos**. Revista Eco-Pós, V. 25, n.1, p. 39 -61, 2022. DOI: 10.29146/ecops.v25i1.2783

ECO. Elisa Lobo Jayme. Universidade Estadual de Goiás. Goiânia. 2023.

CARREIRO, Rodrigo. **A linguagem do cinema: uma introdução** / Rodrigo Carreiro. – Recife : Ed. UFPE, 2021.

CHION, Michel. **A audiovisualização: som e imagem no cinema**. trad. Pedro Elói Duarte. 3ª ed. Lisboa: Texto & Grafia, 2016.

JULIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. 2. ed. SENAC, 2012.